

*Discurso na cerimônia de concessão do título
de Doutor Honoris Causa pela Universidade
Cândido Mendes*

RIO DE JANEIRO, RJ, 6 DE NOVEMBRO DE 2002

Meu caro Presidente e amigo, Mário Soares; Senhora Governadora Benedita da Silva; Professor Cândido Mendes, mais que Magnífico Reitor da Universidade Cândido Mendes, grande símbolo do que existe de mais dinâmico no Rio de Janeiro, mais democrático e mais capaz de mobilizar; Senhor Embaixador Ronaldo Sardenberg, Ministro da Ciência e Tecnologia; Dr. Otávio Augusto Brandão Gomes, Presidente da Ordem dos Advogados; Meu mestre e meu amigo de tantos e tantos anos, Alain Touraine; Parlamentares aqui presentes; Embaixadores; Reitores; Membros da Academia Brasileira de Letras; Membros do Conselho da Universidade; Enfim, não só autoridades mas, sobretudo, tão generosa platéia aqui presente,

Eu quero agradecer, sensibilizado, de verdade, este título. E tanto que vou imitar uma vez mais – não é a primeira vez – a nossa Governadora Benedita. Falarei com o coração, Benedita. Mas do que com o texto escrito.

Quero, realmente, agradecer, sensibilizado, porque, além do mais, eu sinto um prazer multiplicado, por ter me sido concedido este título, na companhia de duas pessoas que, nas últimas décadas, têm sido, também, para mim, referências: Mário Soares e Alain Touraine. Isso me

deixa, realmente, muito, eu até diria, orgulhoso, em poder receber o título junto com eles.

Mas quero também expressar diretamente ao Cândido a minha gratidão. Ele, como Reitor, ele, como intelectual, ele, como batalhador. Eu me recorro de tempos antigos, tempos em que Cândido Mendes, Hélio Jaguaribe, Celso Furtado, Werneck Sodré e tantos outros, batalhavam no Iseb, aqui no Rio de Janeiro. Eu, então, era muito jovem, estava muito influenciado pelo Professor Alain Touraine. E olhava lá da USP, com uma certa desconfiança, essa gente tão próxima do poder. Porque estavam no Rio, que era a Corte. E porque estavam falando sobre questões importantes, de verdade, para o Governo e para o Estado brasileiro.

E nós, talvez, com algumas idéias um pouco, quem sabe, fora do lugar, como diria meu amigo Roberto Schwartz, estávamos imaginando que não devia ser assim, que talvez a Academia devesse ficar mais resguardada, como nós lá, na nem tão provinciana São Paulo, não tão tropical, mas muito mais na época provinciana do que o Rio de Janeiro.

Recordo-me do Cândido. Eram momentos de muita vibração nacional. E naqueles momentos havia bastante incompreensão, sobretudo quando Juscelino, nos anos 50 – que por sinal era o grande líder do Brasil – abriu o Brasil ao capital estrangeiro; porque Juscelino tinha promovido uma industrialização que não era exatamente aquela que alguns setores, entre os quais eu me incluía, imaginavam.

E Cândido, em seus trabalhos, foi capaz de perceber, talvez antes de todos nós, que, a despeito da dependência inegável, havia brechas para a transformação. E aquilo que anos mais tarde eu fui reconhecer, e até inventar, porque era como todos nós inventávamos sempre algum designativo, não é nem conceito, para poder explicar uma situação que é tão diversa das situações que nós lemos nos livros daqueles que nos inspiraram, que são, geralmente, da Europa e, às vezes, dos Estados Unidos, fomos inventando: dependência associada. Inventando títulos para dizer aquilo que o Cândido, muito jovem ele também, já havia percebido.

Eu quero agradecer, não só ao Reitor da Universidade, mas ao homem de ciência e de intuição, sem a qual não há nem arte, nem ciência, nem política capaz de ver mais longe. E quero agradecer por múltiplas razões.

Quando eu ouvi a Governadora mencionar que ia falar de improviso, e falou sobre o Rio, fez uma alusão ao carioquismo, digamos assim.

Quero lhes dizer que hoje eu vinha no avião, e abri *O Globo* e vi a fotografia de uma casa onde eu passei uma parte da minha meninice, na Rua Bambina, nº 40. Eles não sabem, publicaram lá porque a casa foi tombada. Ninguém sabe que eu morei lá. Ainda bem. E quando eu vi aquilo eu disse: será que o Rio é, para mim, apenas um álbum de recordações? Eu nasci aqui, passei uma parte da meninice aqui, mas me fiz em São Paulo. Talvez tenha vivido mais tempo em outras cidades do mundo e em Brasília e São Paulo, do que no Rio.

Chegamos aqui, ao Rio, viemos andando, passamos pelo Itamaraty. E eu disse ao Embaixador Sardenberg: meu pai, quando criança, morou aqui, no Palácio Itamaraty. Porque ali era a Presidência da República. E lá, no início da República, Floriano Peixoto morou lá. Naquele tempo era a espada, chamando, consolidando a República. Meu avô tinha espada também. E ajudou Floriano a consolidar a República. E quando disse isso, quando comecei a andar pelo Rio, demos uma volta não muito longa, mas esses prédios todos eu digo: não. O Rio para mim não é um álbum. É uma parte da minha vida.

E ao receber hoje essa homenagem, ao ouvir as palavras do Cândido sobre o Iseb – Instituto Superior de Estudos Brasileiros, sobre o Cebrap, ao ver o Wanderley Guilherme, aqui atrás, que quase não reconheci – são os meus óculos, Wanderley – eu me recordei de que nós, durante esses anos – os anos mais difíceis, chamados de chumbo, embora uns no Rio outros em São Paulo – nós estávamos muitos juntos, formando uma comunidade.

Há, portanto, muito de gratidão, minha, de ver, agora, aqui, na Cândido Mendes, que recebo um título. O Magnífico Reitor sabe que relutei muito. Eu nunca aceitei nenhum título no Brasil, enquanto Presidente, porque me constrange, nunca aceitei. Talvez não me tenham oferecido tantos, também. E aceitei alguns pelo mundo afora. E cada vez que recebia um título de doutor ou, mais pomposo ainda, de Cavaleiro da Rainha da Inglaterra, eu nunca deixo de me recordar de um ensaio de Edmund Leach e, mais tarde, vi o próprio Leach, em Princeton, fazendo

uma conferência sobre o mesmo tema. O ensaio descreve a sagração dele como Cavaleiro e se intitula: “Once a knight is enough” – basta ser cavaleiro uma vez. Cada vez que eu recebo um título honorífico, eu digo: Será? Eu não mereço tanto. E depois eu tenho um medo que me pelo do Chico Caruso.

Eu nunca vou me esquecer, eu me consolo com meu amigo Mário Soares que já recebeu esses títulos todos e mais que os meus. Mas, em Coimbra, Mário, onde o título é quase uma sagração e onde me puseram um chapéu na cabeça maior que minha cabeça e eu fiquei afundado ali. Foram páginas e páginas que deleitaram os nossos caricaturistas. Aqui, Cândido, o seu avô foi sábio. Foi singela a comemoração e o traje é adequado, vai dar trabalho ao Chico Caruso e aos outros.

Há um simbolismo que é necessário em tudo isso. Mas em algumas universidades o simbolismo é tanto que a sagração é em latim, o que me deixa também sempre inquieto, que eu fico o tempo todo lendo baixinho aqui, para quando eu tiver que dizer aquelas palavras em latim não dizer uma coisa errada. E fico tão preocupado que geralmente eu erro. E não falta alguém da minha família que vem me dizer: errou o latim. Aqui, espero não ter errado o português.

Mas, se me perdoem esse tom, não pensem que o tom é outro senão que de amizade, por sentir-me, realmente, aquilo que significa um título honorário, membro da comunidade. É uma forma de dizer, simbolicamente, que embora não seja de origem ou não esteja presente o tempo todo, a pessoa passa a participar. Isso é o que conta. De modo que não são palavras, por consequência, simplesmente formais, as que estou dizendo aqui. E reitero que se aceitei foi porque para mim tem um significado esse reencontro com o meu Rio de Janeiro e também porque estou no fim do Governo e ninguém poderá dizer que é por outras razões que o título me foi dado, senão pelas razões, que tenho a certeza, são tão genuínas quanto aquelas que me fizeram vir aqui para receber, com emoção.

Muito obrigado, Cândido.